

Media literacy of humor in times of pandemic

Assessing the comprehension of texts by first-year college students

Teresa Oliveira¹ and Carla Teixeira²

¹Higher School of Education and Social Sciences of the Polytechnic Institute of Portalegre (ESECS-IPP) and Linguistics Research Centre of NOVA University Lisbon (CLUNL), Portugal, teresa.oliveira@ippportalegre.pt

²Linguistics Research Centre of NOVA University Lisbon (CLUNL), Portugal, carla.teixeira@fcs.unl.pt

ABSTRACT

In Portuguese society, humor has been gaining prominence as an instrument of criticism and reflection on reality, and is highly sought after in all media. One of the current names of reference is Ricardo Araújo Pereira (RAP), a Portuguese humorist, much appreciated by the public, whose texts are based on language games and multiple cultural and social references that can challenge interpretation, especially by young people.

*The present work is part of a project based on the analysis of a corpus of fifteen humor columns by RAP, published in the magazine *Visão*, between February and September, 2020, which focus on several issues surrounding COVID-19, in the fields of science, social life and politics. Our objectives are: to describe and characterize the text genre humor column; to understand how language dynamics contribute to the development of thematic content; to assess the reception and understanding of the mechanisms of humor present in the texts. For this work, we focus on the third objective, namely, to assess the level of understanding evidenced by the first-year students of the Journalism and Communication course at the Polytechnic Institute of Portalegre. Therefore, we selected two texts which were submitted to the students' interpretation, through an individual questionnaire with closed and open answer questions. The analysis of the results showed the strengths and weaknesses of the media literacy of humor, opening paths and horizons for the didactic exploration of texts in higher education classroom.*

KEYWORDS

Media literacy, Higher education, Humor column, Text genre, Linguistic analysis

RESUMO

Na sociedade portuguesa, o humor tem vindo a ganhar destaque como instrumento de crítica e reflexão sobre a realidade, sendo muito procurado em todos os meios de comunicação. Um dos nomes de referência da atualidade é Ricardo Araújo Pereira (RAP), um humorista português muito apreciado pelo público, cujos textos se baseiam em jogos de linguagem e múltiplas referências culturais e sociais que podem desafiar a interpretação, principalmente dos jovens.

O presente trabalho faz parte de um projeto baseado na análise de um *corpus* de quinze crónicas de humor de RAP, publicadas na revista *Visão*, entre fevereiro e setembro de 2020, que incidem sobre

diversos assuntos que envolvem a COVID-19, nos domínios da ciência e da vida social e política. Os nossos objetivos são: descrever e caracterizar o género textual *crónica de humor*; compreender como a dinâmica da linguagem contribui para o desenvolvimento dos conteúdos temáticos; avaliar a receção e compreensão dos mecanismos de humor presentes nos textos. Para esta conferência, centramo-nos no terceiro objetivo, a saber, avaliar o nível de compreensão evidenciado pelos alunos do primeiro ano do curso de Jornalismo e Comunicação do Instituto Politécnico de Portalegre. Para isso, foram selecionados dois textos que foram submetidos à interpretação dos alunos, por meio de um questionário individual com questões fechadas e questões abertas. A análise dos resultados evidenciou os pontos fortes e fracos da literacia mediática do humor, abrindo caminhos e horizontes para a exploração didática de textos em sala de aula de ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE

Literacia mediática, Ensino superior, Crónica de humor, Género textual, Análise linguística

1. INTRODUÇÃO

Este artigo enquadra-se num projeto de trabalho sobre crónicas humorísticas, através do qual pretendemos descrever e caracterizar o género textual *crónica de humor*, registando as regularidades existentes, assim como perceber o contributo das dinâmicas da linguagem para o desenvolvimento do conteúdo temático, avaliar a receção e a compreensão dos mecanismos de humor presentes nos textos e, ainda, contribuir para a documentação do tratamento temático da pandemia de COVID-19 em Portugal, do ponto de vista humorístico. Para este fim, compilámos um *corpus* de crónicas de humor recentes, da autoria de Ricardo Araújo Pereira (RAP), sobre diversas problemáticas em torno da COVID-19.

Escolhemos este autor em particular por ser um dos mais conhecidos e consumidos pelo público português. Nascido em 1974, RAP é um humorista e comentador de política português, com formação em Comunicação Social e Cultural, gosto pela escrita e um interesse particular pela linguística. Começou a trabalhar em humor no final da década de 1990, como guionista de programas de televisão, cronista de rádio e de imprensa e comediante de *stand-up*. Foi a comédia que, a partir de 2003, o trouxe para a frente das câmaras de televisão, onde se tornou conhecido e acarinhado pelo público. É hoje um nome de referência da comunicação social em Portugal, tendo no currículo sucessos de audiências como os programas *Gato Fedorento*, *Governo Sombra* e *Isto é Gozar com Quem Trabalha*, na televisão; *Mixórdia de Temáticas*, na rádio; e a coluna semanal *Boca do Inferno*, na imprensa escrita.

RAP é reconhecido pelo seu estilo característico que combina humor absurdo e sátira política e social. O seu humor, embora muito apreciado pelo público, baseia-se em jogos de linguagem e múltiplas referências culturais e sociais, cuja descodificação pode representar um maior desafio, principalmente para os leitores mais jovens.

O presente trabalho parte desta questão de base: apesar de RAP ser muito popular entre os jovens, que afirmam gostar muito da sua escrita¹, qual será o nível de compreensão dos textos evidenciado por estudantes do ensino superior da faixa etária compreendida entre os 18 e os 21 anos? Para responder a estas questões, centrámo-nos na turma do 1.º ano do curso de licenciatura em Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Portalegre, do ano letivo de 2020/2021, constituída por cerca de 50 jovens que pretendiam prosseguir um futuro profissional na área da comunicação.

A primeira etapa do trabalho consistiu na seleção de dois dos textos do *corpus*, que foram depois submetidos à interpretação dos alunos, por meio de um questionário individual com questões fechadas e abertas. A subsequente análise dos resultados permitiu-nos identificar os pontos fortes e fracos do que se considera poder constituir uma literacia mediática do humor e perceber como estão a ser assimiladas pelos estudantes as práticas sociais de referência, abrindo caminhos e horizontes para a exploração didática destes textos em sala de aula.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Gramática e texto

Este estudo é desenvolvido no âmbito do grupo de trabalho Gramática & Texto do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, o qual privilegia o cruzamento entre duas abordagens dos estudos linguísticos: a semântica da enunciação, ancorada na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), e o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), em associação com a linguística do texto. Assim, o nosso trabalho atende aos escopos maiores dos princípios teórico-epistemológicos das áreas nas quais nos revemos: no âmbito da análise textual, a dimensão gnosiológica da linguagem inscreve o produtor textual como fundador da atorialidade do sujeito que intervém na sociedade; no contexto da linguística da enunciação, a análise das formas e das construções revela as operações predicativas e enunciativas subjacentes à construção da significação no texto (Teixeira & Oliveira, 2021).

O ISD (Bronckart, 2003, 2008) é uma corrente de pensamento que promove uma abordagem holística do ser humano através do estudo da linguagem, estudo esse fundamentado, entre outras, nas componentes social, psicológica e linguística. Defende que a linguagem é, simultaneamente, o meio através do qual os seres humanos comunicam, mas também o meio através do qual estes pensam sobre a linguagem e as suas próprias ações, o que é denominado de *agir*. Desta forma, a análise dos artefactos linguísticos processa-se num movimento descendente que percorre vários tipos de patamares: tem início num patamar social, a atividade de linguagem (o contexto de produção referente ao domínio social no qual é produzido o texto), a que se segue um patamar que se poderá designar de natureza sociolinguística, que consiste no género de texto (tido como um modelo ou um formato textual relativamente ao qual os textos se distanciam ou aproximam), pois a atividade de linguagem determina a concretização do género. De seguida, a observação dos textos detalha-se em dois patamares linguísticos: o tex-

¹ Embora não seja o nosso propósito responder a esta questão neste trabalho, questionamo-nos se os jovens efetivamente apreciam a escrita de RAP ou se estão cativados pela sua *persona* televisiva.

to propriamente dito, que é percebido como a materialização do gênero textual, e os tipos de discurso, unidades infraordenadas relativamente ao gênero textual (Teixeira & Oliveira, 2017: 215). Nestes termos, as interações sociais são então mediadas pelos gêneros textuais disponibilizados socialmente, os quais são materializados nos textos (objetos empíricos), apresentando as particularidades do contexto socio subjetivo de produção.

É de salientar também que a atividade linguística, *per se*, oscila entre um uso mais ou menos consciente. No quadro da TOPE (Culioli, 1990), a linguagem é entendida como uma atividade significativa de produção e de reconhecimento de formas, que se baseia em operações mentais de representação, de referenciação e de regulação, às quais só temos acesso através da análise metalinguística dos textos, que são a materialização da atividade linguística.

2.2. Literacia e pensamento crítico

Os gêneros textuais constituem-se em práticas sociais de referência, definidas como as melhores práticas e/ou as mais representativas de uma área socioprofissional (Martinand, 1994: 68). É o contexto de formação que promove a assimilação de práticas profissionais: as práticas veiculadas através dos textos são reconhecidas e/ou posteriormente reproduzidas, conduzindo à construção de saberes e à apropriação de técnicas e de valores.

A assimilação e correta descodificação das significações inscritas nas práticas sociais de referência constitui aquilo a que chamamos *literacia*, que podemos definir como a “capacidade de encontrar informações, de construir sentido a partir do que é lido, de interpretar e refletir sobre a mensagem escrita” (traduzido² de Aeby Dagué, 2010: 468), ou ainda “a capacidade de compreender, analisar, avaliar e criar mensagens numa variedade de contextos” (traduzido³ de Livingstone, 2003: 1).

Entende-se hoje que a literacia é um vetor fundamental da cidadania. No caso da literacia mediática, ficou plasmado na Declaração de Braga que “ser cidadão (...) supõe e requer uma literacia para os média que diga respeito a todas as idades, em todos os contextos, e articula-se com a necessidade de aquisição de outras literacias que o mundo globalizado e complexo cada vez mais exige” (Pereira [org.], 2011: 852).

A literacia mediática pressupõe compreender ou ler criticamente os média, “ser capaz de reconhecer e valorizar aquilo que neles contribuir para o alargamento de horizontes, para o conhecimento do que se passa no mundo, para o acolhimento da diversidade de valores e mundividências e para a construção de identidades” (Pereira et al., 2014: 7). Ou seja, pressupõe dar conta dos “processos sociais e culturais através dos quais se apresentam imagens e representações do mundo em que vivemos, com recurso a diferentes linguagens” (*idem, ibidem*).

O pensamento crítico é, pois, um pré-requisito da literacia para os média, sendo que o pensamento, para poder ser considerado crítico, “deve questionar normas, examinar injustiças, bus-

² No original, “une capacité à trouver des informations, à construire du sens à partir de ce qui est lu, à interpréter et à réfléchir sur le message écrit”.

³ No original, “the ability to access, analyse, evaluate and create messages across a variety of contexts”.

car alternativas melhores e questionar práticas e suposições culturais estabelecidas” (traduzido⁴ de Dunne, 2019: 108).

Neste contexto, consideramos que uma literacia mediática do humor convoca conhecimentos de natureza linguística e conhecimentos sobre o real que, com um propósito humorístico, por um lado, permitem ao sujeito fazer uso da linguagem como matéria-prima de uma mensagem crítica e, por outro lado, ser o meio de reflexão dos acontecimentos da atualidade. Desta maneira, inscrevemos o contributo do humor na constituição de um pensamento crítico, que deve ser promovido pelos média, e que, para tal, também deve ser dominado pelos próprios agentes mediáticos, tais como os futuros profissionais.

3. METODOLOGIA

3.1. Constituição do *corpus* de trabalho

O género *crónica de humor* é um formato textual mediático, também frequentemente etiquetado como *texto de opinião*. É um modelo flexível que tem como principais características a dimensão autoral (que emerge da experiência individual e da abordagem alternativa da realidade) e o carácter atual do seu conteúdo informativo.

Este trabalho teve como base um conjunto de quinze crónicas de humor da autoria de RAP, publicadas na rubrica “Boca do Inferno” da revista *Visão*, semanalmente, entre 27 de fevereiro e 10 de setembro de 2020. Foram selecionadas todas as crónicas que, durante este intervalo temporal, tiveram como tema a pandemia de COVID-19, versando diversas problemáticas a ela associadas, nos campos da ciência, da vida social e da política.

Além da temática, as quinze crónicas têm em comum uma abordagem coerente do humor, nomeadamente, através da presença de intertextualidade (diálogo com outros textos e outras realidades) e de jogos de palavras, que ilustram, por exemplo, o absurdo das situações e a estupidez humana. Têm ainda como característica uma estratégia enunciativa que promove o envolvimento e a identificação com as ideias do autor, por meio da fusão da entidade autoral com a figura enunciativa e da criação de uma comunhão entre a entidade autoral e os leitores.

3.2. Recolha de dados

Este estudo exploratório incide sobre dois textos do *corpus*, selecionados de entre os que exibem um menor número de relações intertextuais, ou conhecimentos prévios indispensáveis à sua interpretação, pelo que foram considerados acessíveis para os alunos.

Foi elaborado, então, um questionário dividido em três partes: a primeira, constituída por um conjunto de perguntas de escolha múltipla para caracterização da amostra, incluindo a aferição de hábitos e práticas de leitura mediática e da relação dos estudantes com os meios de comunicação e os principais textos veiculados pelos mesmos; a segunda e a terceira, cada uma

⁴ No original, “Thinking, should it be appropriately considered critical, ought to question norms, scrutinize injustices, seek better alternatives, and question established cultural practices and assumptions”.

com a apresentação de um dos textos selecionados e respetivo questionário de leitura, em que a capacidade de leitura foi avaliada através de questões de resposta fechada e questões de resposta aberta.

Escolhemos a turma do 1.º ano do curso de licenciatura em Jornalismo e Comunicação da ESECS-Politécnico de Portalegre, do ano letivo de 2020/2021, constituída por cerca de cinquenta futuros profissionais da atividade jornalística e da comunicação, como ilustrativa dos jovens de 1.º ano no ensino superior politécnico e de jovens em formação da atividade mediática.

Após excluirmos os questionários incompletos e os alunos que não tinham o português como língua materna (requisito indispensável para a interpretação dos jogos de palavras e da sátira em geral), obtivemos 45 questionários válidos. A amostra ficou, então, constituída por 25 estudantes do sexo feminino e 20 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos (20 anos de média). Dos 45 indivíduos, 78% concluíram o 12.º ano pela via de ensino, 18% por via profissional e 4% acederam ao ensino superior através de concursos especiais.

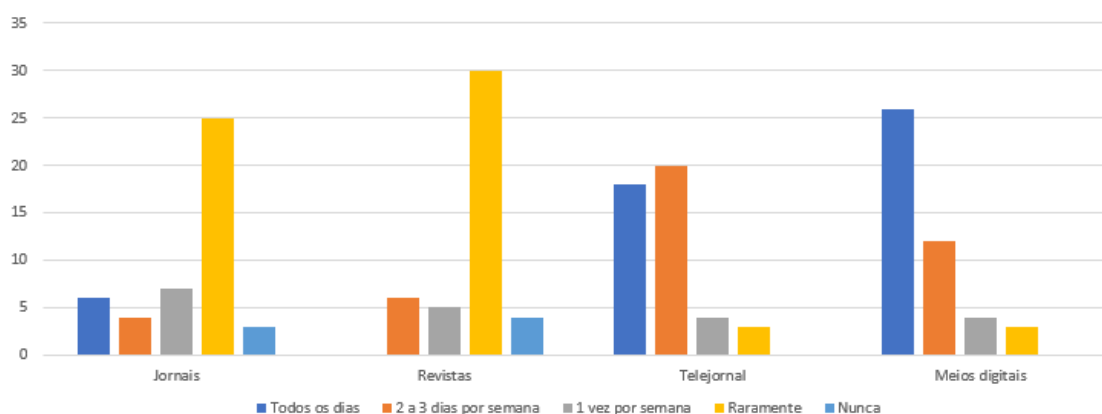
As respostas às questões fechadas foram depois introduzidas numa folha de cálculo e tratadas quantitativamente; as respostas às questões abertas foram analisadas individualmente e sujeitas a uma análise de conteúdo básica.

4. RESULTADOS

4.1. Caracterização de hábitos e práticas mediáticas

Para aferir a relação dos alunos com os média e os textos mediáticos, estes foram questionados, primeiro, com que frequência liam jornais e revistas, viam o telejornal e consultavam notícias ou outros textos jornalísticos no meio digital. As respostas obtidas estão sintetizadas no gráfico da figura 1, abaixo.

Figura 1: Frequência de consumo de meios informativos (N absoluto)



De seguida, as questões incidiram sobre a leitura de géneros textuais, concretamente: comentários ou textos de opinião, críticas (a filmes/livros/restaurantes, por exemplo), editoriais, *fait-divers*, notícias, textos de humor, reportagens ou outros, a indicar. Num primeiro momento, os alunos foram inquiridos sobre os géneros que efetivamente consomem (figura 2); num segundo momento, sobre os que preferem (figura 3).

Destaca-se que os alunos afirmam ver o telejornal assiduamente, ainda que consumam pouca imprensa escrita; desta, os comentários ou textos de opinião (18%), as críticas (15%), as notícias (28%) e os textos de humor (18%) constituem uma leitura recorrente por parte dos alunos (cf. figuras 1 e 2). Estes são também alguns dos géneros textuais preferidos (cf. figura 3) pelos mesmos.

Figura 2: Géneros textuais consumidos (%)

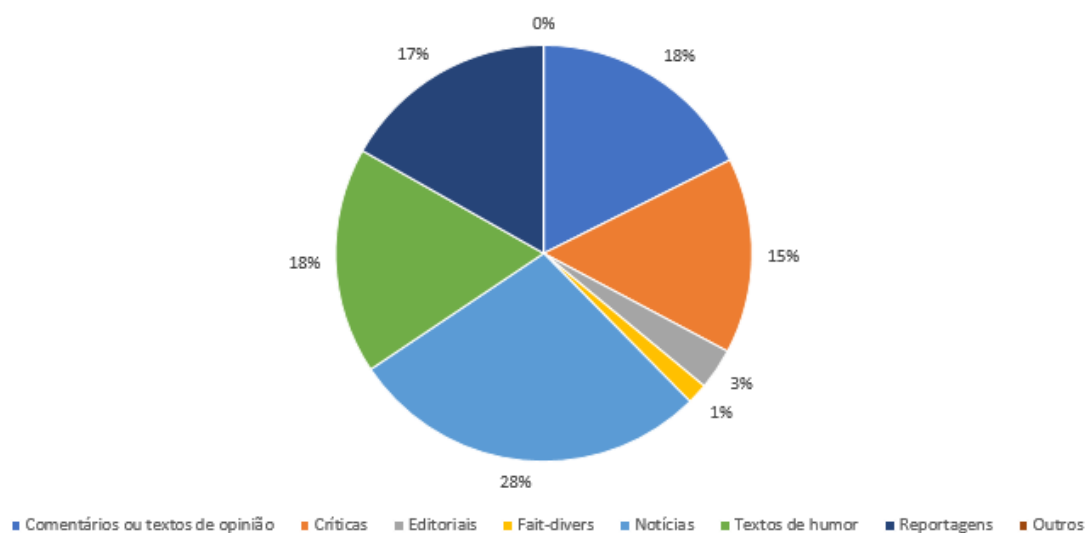
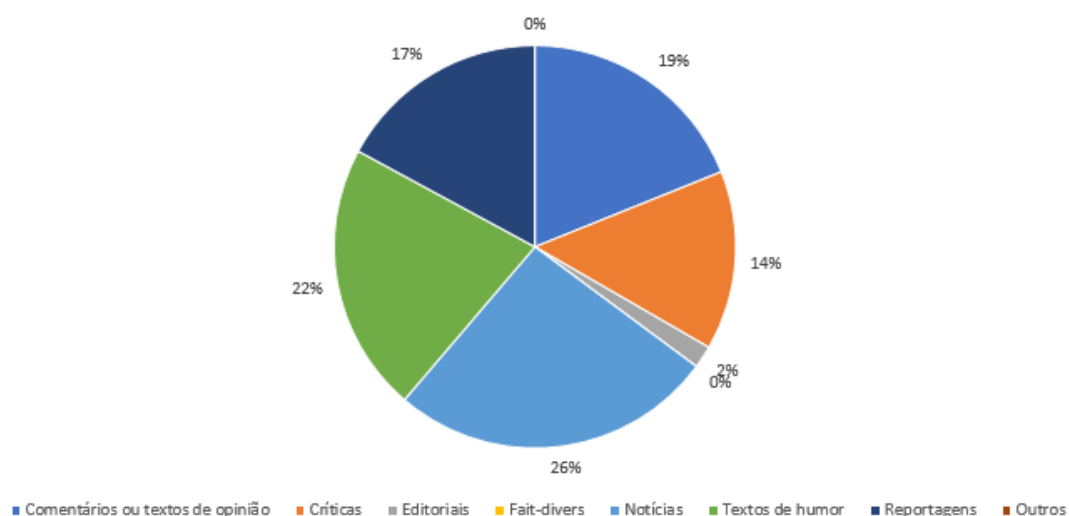


Figura 3: Géneros textuais preferidos (%)

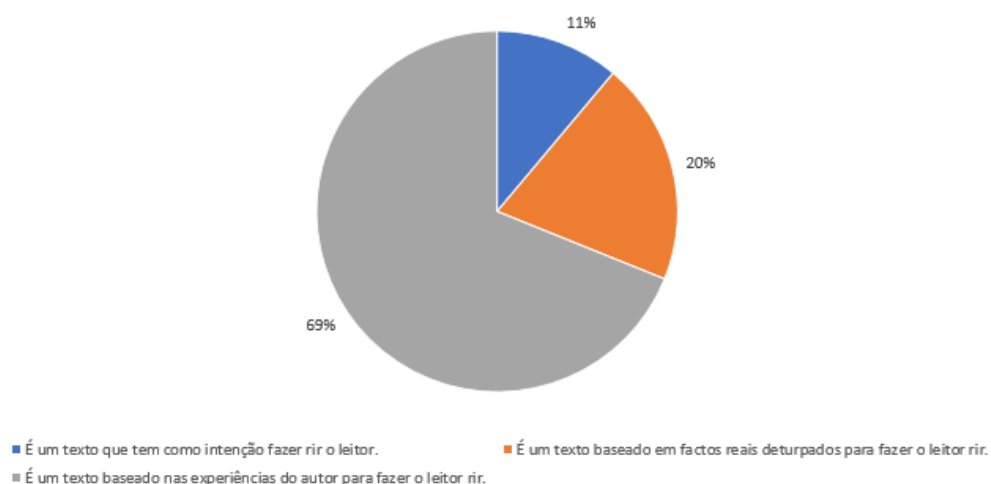


Os alunos escolheram ainda, de entre três afirmações, a que consideravam que melhor definia a *crónica de humor*, a saber:

- a) É um texto que tem como intenção fazer rir o leitor.
- b) É um texto baseado em factos reais deturpados para fazer o leitor rir.
- c) É um texto baseado nas experiências do autor para fazer o leitor rir.

Os resultados estão esquematizados na figura 4 e evidenciam a dimensão autoral da crónica de humor como a mais valorizada pelos alunos.

Figura 4: Definição de crónica de humor (%)



Esta questão foi complementada por uma pergunta de resposta aberta: “Complete o seguinte pensamento com a sua opinião: Os textos de humor são interessantes para refletir sobre a realidade atual, porque...”

As respostas obtidas foram variadas, apontando-se as seguintes considerações, em que emergem as dimensões humorística, autoral e de representação da atualidade, como representativas das opiniões dos alunos:

- “ensinam-nos a ver sempre as coisas pelo lado positivo”;
- “conseguimos tirar proveito de situações que apenas aparentam ter aspetos negativos”;
- “utilizam o humor para transmitir o que se passa na realidade de forma mais leve e irónica”;
- “são uma lufada de ar fresco para os nossos problemas do quotidiano”;
- “acabam por nos dar uma visão diferente de determinado acontecimento de uma forma divertida mas crítica”;
- “criticam a realidade atual mas de uma forma mais cuidada, fazendo o leitor rir”;
- “tendem a ser os que melhor e mais objetivamente criticam os temas sobre os quais refletem, já que por norma quem os escreve não possui uma agenda contra algo, o que os torna mais imparciais”.

Finalmente, os estudantes foram questionados acerca de como reagem quando têm contacto com conteúdos duvidosos: se os confrontam com outros conteúdos para confirmar a sua veracidade, se reconhecem informação duvidosa e não precisam de a confrontar com outros conteúdos ou se acreditam sempre na informação com que se deparam e não têm necessidade de a confrontar com outra informação (figura 5).

Figura 5: Reação a conteúdos duvidosos (%)



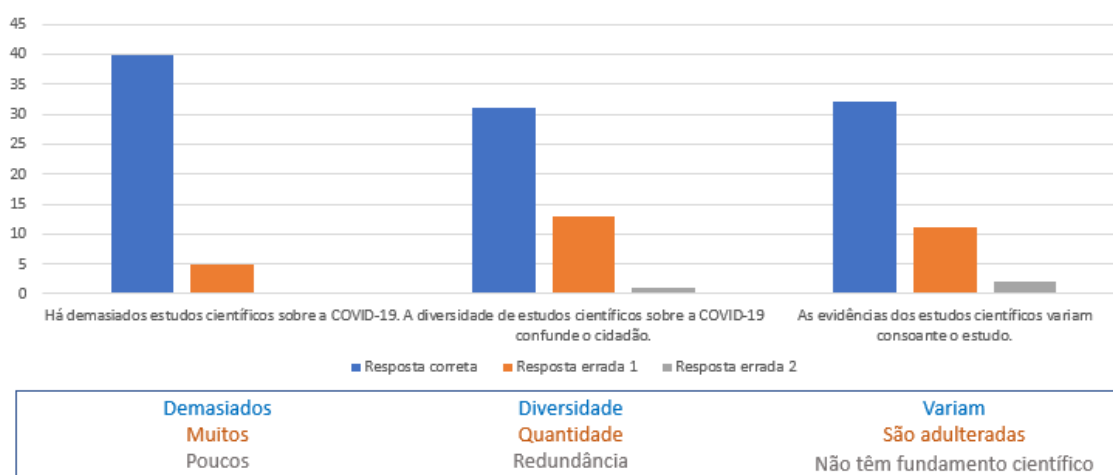
4.2. Leitura de crónica de humor #1

O primeiro texto selecionado (reproduzido em anexo, como Anexo 1) intitula-se “Afinal não” e foi publicado na revista *Visão* n.º 1 420, de 21 de maio de 2020. A propósito deste texto, foram aplicadas três perguntas de grau de dificuldade baixo, em que foi pedido aos alunos que escolhessem uma opção (de três) que, segundo a sua interpretação, melhor definia os conteúdos do texto. As opções à escolha variavam, sobretudo, em termos lexicais e exigiam aos alunos um bom conhecimento do vocabulário usado:

- Há demasiados/muitos/poucos estudos científicos sobre a COVID-19.
- A quantidade/diversidade/redundância de estudos científicos sobre a COVID-19 confunde o cidadão.
- As evidências dos estudos científicos variam/são adulteradas consoante o estudo. / As evidências dos estudos não têm fundamento científico.

Os resultados são apresentados na figura 6 e testemunham que a maior parte dos alunos conseguiu identificar a resposta correta, pelo que houve um desempenho positivo na identificação dos conteúdos informativos a partir da leitura orientada do texto.

Figura 6: Interpretação do texto #1 (N absoluto)



4.3. Leitura de crónica de humor #2

O segundo texto (Anexo 2) intitula-se “Ideias claras sobre vagas” e foi publicado uma semana depois do anterior, na revista *Visão* n.º 1 421, de 28 de maio de 2020. É uma crónica que constrói o humor em torno de jogos de palavras, em particular, trocadilhos com base no significado das formas lexicais representadas por “vaga” e pelo radical “chat-”, nos lexemas “chato” e “achatar”.

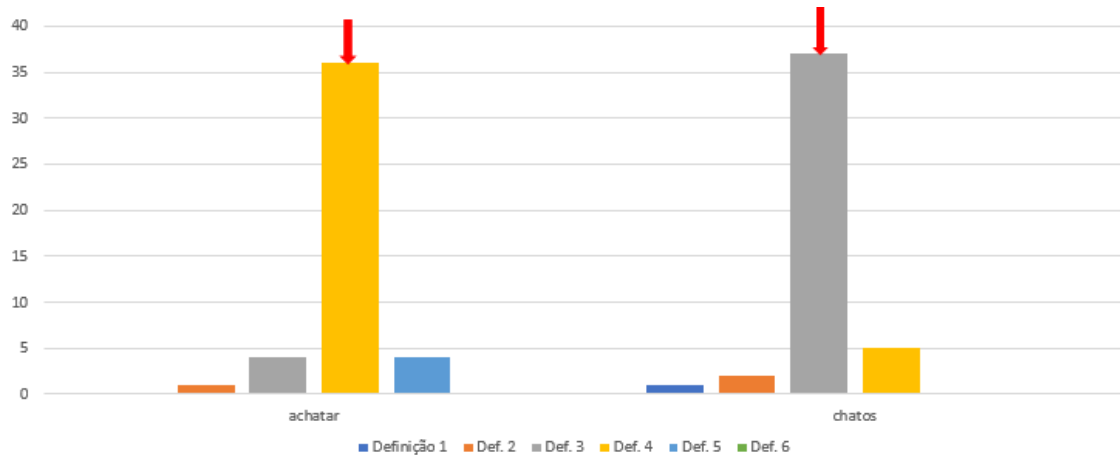
A questão mais acessível propunha aos alunos o exercício de, a partir de um excerto do texto, com duas palavras destacadas e numeradas, fazer corresponder a cada uma delas a respetiva definição do dicionário. O excerto do texto era o seguinte: “E, infelizmente, não há autoridades preocupadas em **achatar**[1] a curva dos **chatos**[2] da curva”.

Para estas duas palavras, foram fornecidas seis definições adaptadas do *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, a saber:

1. chato (adjetivo; do grego 'platýs', «largo; amplo», pelo latim popular 'plattu-', «plano»): que não tem relevo; liso; plano;
2. chato (adjetivo; do grego 'platýs', «largo; amplo», pelo latim popular 'plattu-', «plano»): [popular] maçador;
3. chato (nome masculino): [coloquial] pessoa ou coisa maçadora;
4. achatar (verbo transitivo; de a-+chato+-ar): tornar chato; espalmar; aplanar; alisar;
5. achatar (verbo transitivo; de a-+chato+-ar): derrotar (alguém) com argumentos;
6. achatar (verbo transitivo; de a-+chato+-ar): confundir; humilhar;

Este foi um exercício com um grau de dificuldade médio/baixo, em que os alunos tinham de considerar na sua escolha aspetos relacionados com a classe das palavras (adjetivo, nome e verbo) e com diferentes registos de língua (padrão, popular, coloquial). A figura 7 mostra os resultados obtidos, com as respostas corretas indicadas por uma seta vermelha, verificando-se que a maior parte dos alunos foi bem-sucedida na identificação da resposta certa.

Figura 7: Definição de “achatar” e “chatos” (N absoluto)



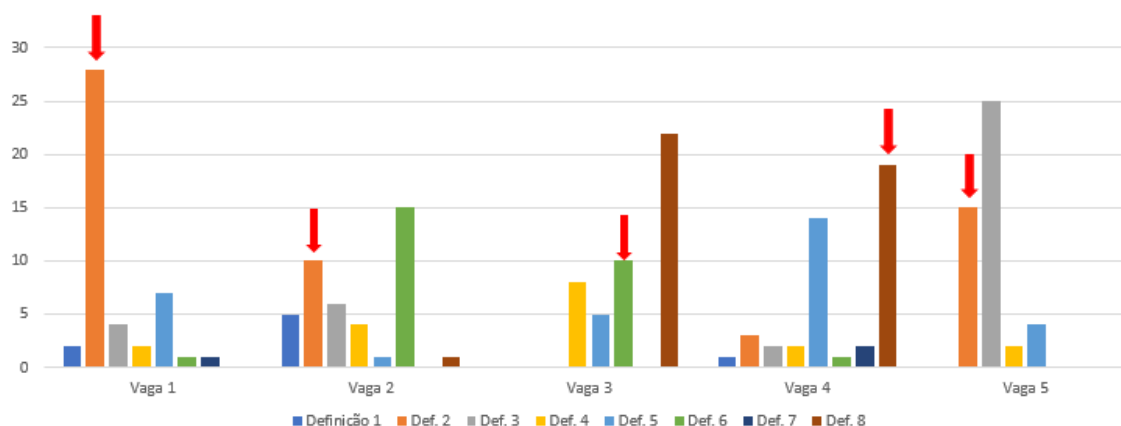
A outra questão, mais complexa, partiu de cinco ocorrências de “vaga(s)” e oito definições possíveis. O grau de dificuldade era médio/elevado, já que a escolha envolvia conhecimentos sobre classes de palavras (distinções subtis entre nome e adjetivo), homonímia e polissemia, e ainda diferentes modos de significação (denotativo e figurado). Transcreve-se o excerto observado, seguido das definições propostas:

“Entre a primeira e a segunda **vaga**[1] de opiniões sobre **vagas**[2], distaram apenas algumas horas – o que, em princípio, indica que a posição de diretor de comunicação encarregado da definição do discurso oficial da OMS está **vaga**[3]. (...) Toda a gente ficou com a ideia bem clara de que a OMS não faz a mais **vaga**[4] ideia sobre a ocorrência de novas **vagas**[5].”

1. vaga (nome feminino; do antigo escandinavo 'wagr', «idem», pelo francês 'vague', «idem»): elevação de grande porte que se forma nos mares, rios, etc., devido ao movimento de ventos e marés; onda grande;
2. vaga (nome feminino; do antigo escandinavo 'wagr', «idem», pelo francês 'vague', «idem»): [figurado] grande quantidade de algo que alastra; grande quantidade de pessoas, veículos, animais ou coisas em movimento; multidão em movimento; grande afluência;
3. vaga (nome feminino; do antigo escandinavo 'wagr', «idem», pelo francês 'vague', «idem»): [figurado] fenómeno repentino; moda;
4. vaga (nome feminino; derivação regressiva de 'vagar'): lugar vago ou não preenchido;
5. vaga (nome feminino; derivação regressiva de 'vagar'): tempo durante o qual um cargo ou emprego se encontra vago, vacância;
6. vago (adjetivo; do latim 'vacuu-', «vazio»): não ocupado, não preenchido;
7. vago (adjetivo; do latim 'vagu-', «errante»): que vagueia, errante, vagabundo;
8. vago (adjetivo; do latim 'vagu-', «errante»): [figurado] incerto, indefinido;

A figura 8 mostra os resultados obtidos, com as respostas corretas ou mais adequadas à interpretação em contexto indicadas por uma seta vermelha. Nestes casos, em que o nível de dificuldade foi assinalável, observou-se uma dispersão das respostas pelas várias hipóteses.

Figura 8: Definição de “vaga” (N absoluto)



5. DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos suscita-nos algumas considerações. Por um lado, conforme podemos concluir a partir da figura 1, os alunos apresentam comportamentos mediáticos essencialmente digitais, sendo muito significativa a indiferença que demonstram em relação à imprensa escrita.

Por outro lado, o hábito de leitura de textos de autor (comentários, críticas, editoriais e crónicas de humor) está mais consolidado do que o de textos informativos (notícias, reportagens e *fait-divers*), numa proporção de 54% contra 46% (ver figura 2). No entanto, se tivermos em conta as preferências afirmadas, essa relação sobe para 57% contra 43% (figura 3). Além disso, os alunos mostram reconhecer as diferenças autorais entre a crónica de humor e outros géneros jornalísticos (figura 4).

Ainda que parte dos alunos afirme ter um comportamento cauteloso e um procedimento de confrontação da informação (76%), assinala-se como preocupante a relação com conteúdos duvidosos de um quarto dos alunos (24%) que acredita conseguir reconhecer informação duvidosa e não precisar de a confrontar com outros conteúdos (figura 5). Sublinha-se que este procedimento deve ser tido por qualquer cidadão, contudo é particularmente importante em futuros profissionais de jornalismo e comunicação. É ainda de assinalar que, se se cruzar este resultado com a interpretação do primeiro texto, é igualmente desarmante a naturalidade com que quase um terço (29%) dos estudantes aceita a leitura de que as informações científicas são adulteradas ou não têm valor (figura 6), o que nos leva a questionar o tipo de pensamento crítico que está a ser desenvolvido pelos jovens.

Quanto à interpretação dos textos, pudemos constatar que os alunos constroem com sucesso significados textuais corretos apoiados em opções de leitura de textos de humor e que reconhecem segmentos com ironia, no entanto mostram ter dificuldade em jogos de palavras complexos (relacionados com especificidades lexicais, semânticas e morfossintáticas) (figuras 7 e 8). Por exemplo, reconhecem facilmente um verbo no infinitivo, mas mostram uma dificuldade considerável em distinguir um nome de um adjetivo e suas diferentes significações em

contexto. Que capacidades de leitura evidenciarão, então, se forem adicionadas outras variáveis (intertextualidade, informação científica,...)?

Destaca-se, também, que os alunos exibem uma preocupante falta de literacia na consulta de um dicionário, e na descodificação dos diferentes tipos de informação que ele fornece (ver figura 8).

6. CONCLUSÃO

Este artigo apresenta os resultados de um estudo exploratório sobre a literacia mediática do humor dos estudantes do ensino superior. A amostra a que recorremos não é, de todo, representativa do universo em causa, nem os resultados obtidos passíveis de generalização ao conjunto dos estudantes do ensino superior, mas permitiu-nos testar processos metodológicos de formulação de hipóteses de trabalho e de recolha de dados, o que nos deverá orientar na prossecução do projeto, nomeadamente, quanto à seleção dos textos, tendo em conta um novo leque de variáveis, e à afinação das questões a colocar futuramente aos alunos.

Ainda assim, este estudo exploratório forneceu informação útil sobre a relação dos jovens em causa com os média e os textos mediáticos e sobre a assimilação por eles das práticas sociais de referência, enquanto formandos da área do jornalismo e da comunicação. Entende-se como práticas sociais de referência os procedimentos típicos da área de formação, tais como a confrontação de informação e o domínio da língua, constitutivo de um pensamento crítico indispensável na área profissional – práticas que se estima que estes alunos desenvolvam no seu percurso formativo, desde o 1.º ano do ensino superior.

No âmbito linguístico, foi ainda possível registar pistas que permitem identificar pontos fortes e fracos da literacia mediática, em geral, e do humor, em particular.

FINANCIAMENTO

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., – como parte do projeto CLUNL, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal (UIDB/LIN/03213/2020 e UIDP/LIN/03213/2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Aeby Daghe, S. (2010). L'enseignement de la lecture à Genève: quel objet enseigné? Quel objet évalué? *Revue suisse des sciences de l'éducation*, 32(3), pp. 467-487. Disponível em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:23067> (consultado em 13.07.2021).
- [2] Bronckart, J.-P. (2003). *Atividade de Linguagem, textos e discursos. Por um interaccionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP/EDUC.
- [3] Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours et "degrés" de langue. *Texto!* XIII (1), pp. 1-95. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86> (consultado em 13.07.2021).
- [4] Culioli, A. (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation. Tome 1: Opérations et représentations*. Paris: Ophrys.

- [5] Dunne, G. (2019). *Critical Thinking: A Neo-Aristotelian Perspective*. PhD thesis. Disponível em: <http://www.tara.tcd.ie/bitstream/handle/2262/86046/Gerry%20Dunne%20thesis%202019.pdf> (consultado em 12.07.2021).
- [6] Livingstone, S. (2003). *The changing nature and uses of media literacy*. London: The London School of Economics and Political Science. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/251326510_The_Changing_Nature_and_Uses_of_Media_Literacy (consultado em 13.07.2021).
- [7] Martinand, J.-L. (1994). La didactique des sciences et de la technologie et de la formation des enseignants. *Aster*, 19, pp. 61-73.
- [8] Pereira, S. (org.) (2011). *Literacia dos média. Declaração de Braga*. Congresso Nacional “Literacia, Média e Cidadania”. Braga, Universidade do Minho: Centro de estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 851-853. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45334/1/CECS_%5b2011%5d_atas-lcongresso-literacia-UM.pdf (consultado em 13.07.2021).
- [9] Pereira, S.; Pinto, M.; Madureira, E. J.; Pombo, T.; Guedes, M. (2014). *Referencial de Educação para os Média para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- [10] Teixeira, C. & Oliveira, T. (2017). O poder da opinião. Análise comparada de comentários televisivos sobre política. *REDIS, Revista de Estudos do Discurso*, n.º 6, pp. 212-234. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15725.pdf> (consultado em 12.07.2021).
- [11] Teixeira, C.; Oliveira, T. (2021). “Como é óbvio, só um linguista nos pode ajudar”: crítica política com humor, entre gramática & texto. *Cadernos WGT — Workshops em Gramática e Texto: Voltar a falar em Gramática & Texto*, Lisboa: G&T/CLUNL, pp. 31-37. Disponível em: https://clunl.fcs.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2021/03/Txt3_CTeixeira_TOliveira_Como_e_obvio_RAP.pdf (consultado em 13.07.2021).

ANEXO 1

AFINAL NÃO

Eu estava habituado a que a ciência me pusesse a fazer figura de parvo na escola, por intermédio de perguntas a que eu não sabia responder, nos testes de Física, Química e Biologia. O que eu levo a mal é que a ciência continue a conseguir pôr-me a fazer figura de parvo 30 anos após o fim do liceu

Precisamente na altura em que me encontrava a elaborar um estudo acerca de estudos sobre a Covid, a revista *Science* publicou um estudo acerca de estudos sobre a Covid. Desapontado, comecei então a compor o primeiro estudo sobre estudos acerca de estudos sobre a Covid, que tenho o prazer de apresentar agora. O primeiro estudo acerca de estudos sobre a Covid que estudei foi, então, o da revista *Science*, cuja conclusão geral é: há demasiados estudos sobre a Covid, e os cientistas não conseguem estudá-los todos. Só na semana anterior à publicação da revista, diz um cientista queixoso, saíram quatro mil estudos. Ora, essa era exatamente a conclusão do meu estudo sobre estudos. Não só os estudos são muitos como, muitas vezes, são contraditórios. Há dois grandes tipos de estudos: os que avançam com uma teoria; os que dizem que afinal não. Tudo isto é normal em ciência, uma vez que é um tipo de saber que se verifica a si próprio, mas irrita leigos. Como eu sou mesmo muito leigo, fico mesmo muito irritado.

Os estudos sobre nutrição já me tinham habituado à volatilidade da ciência. Cada nutriente tem um estudo que o louva e um estudo que o critica. No momento em que eu levo à boca um alimento elogiado por um estudo, sai outro estudo que recomenda que eu coma outra coisa. Sobre a Covid, tem acontecido mais ou menos o mesmo. Antes, a OMS desaconselhava o uso de máscara; depois passou a re-

comendar. Primeiro, um estudo sugeria que o vírus podia permanecer durante 72 horas em superfícies como plástico ou aço; agora, a OMS diz que não há provas de contágio através de superfícies e objetos. O problema é o seguinte: eu estava habituado a que a ciência me pusesse a fazer figura de parvo na escola, por intermédio de perguntas a que eu não sabia responder, nos testes de Física, Química e Biologia. O que eu levo a mal é que a ciência continue a conseguir pôr-me a fazer figura de parvo 30 anos após o fim do liceu. Desinfetar as compras do supermercado, que era ligeiramente aviltante há duas semanas, passou a ser retroativamente ridículo agora. Todos os que estiveram meia hora a imunizar um cacho de uvas, bago a bago, compreendem bem a humilhação que o método científico nos infligiu. Foi para evitar isto que eu fui para Letras -- e mesmo assim não resultou.

(Ricardo Araújo Pereira. Opinião publicada na VISÃO 1420 de 21/maio/2020. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/opiniao/cronicas/boca-do-inferno/2020-05-26-afinal-nao/>)

ANEXO 2

IDEIAS CLARAS SOBRE VAGAS

Alguns especialistas lamentaram as posições contraditórias da OMS, dizendo que podiam transmitir uma mensagem confusa aos cidadãos, o que não é verdade. Toda a gente ficou com a ideia bem clara de que a OMS não faz a mais vaga ideia sobre a ocorrência de novas vagas

Primeiro, a diretora do Departamento de Saúde Pública da Organização Mundial da Saúde disse que uma segunda vaga do novo coronavírus era cada vez mais improvável. Depois, o diretor-executivo do programa de Emergências Sanitárias da mesma organização disse que temos de nos preparar para uma segunda vaga. Entre a primeira e a segunda vaga de opiniões sobre vagas, distaram apenas algumas horas -- o que, em princípio, indica que a posição de diretor de comunicação encarregado da definição do discurso oficial da OMS está vaga. Entretanto, alguns especialistas lamentaram as posições contraditórias da OMS, dizendo que podiam transmitir uma mensagem confusa aos cidadãos, o que não é verdade. Toda a gente ficou com a ideia bem clara de que a OMS não faz a mais vaga ideia sobre a ocorrência de novas vagas. E isso pode não ser necessariamente mau. Para fazer face à Covid-19, é importante estarmos juntos, e nada reforça tanto a união como a constatação de que nenhum de nós sabe coisa alguma. Somos estudantes que não perceberam a matéria, agrupados à porta da sala em que vai decorrer o exame. Sabemos que vai correr mal, mas obtemos algum conforto na ideia de que estamos juntos no descalabro.

Claro que alguns cidadãos não conseguem admitir que se sentem tão perdidos como nós, e agarram-se a duas ou a três convicções na esperança de deixarem de fazer parte do grupo dos desorientados. Esses cidadãos dividem-se em dois grandes grupos: os que alegam já ter tido a Covid e os que monitorizam toda a gente que já a teve. Os primeiros recordam uma dor de cabeça esquisita que tiveram na segunda quinzena de Novembro e concluem: "Já era o vírus, ainda sem nome, e eu bem disse que aquilo não era uma gripe normal". Houve uma primeira vaga imaginária, ainda antes desta pela qual estamos a passar, que infetou alguns pioneiros. Felizmente, naquela altura o vírus ainda não era diabolicamente contagioso, e eles conseguiram não o transmitir. De acordo com o que tenho observado, as pessoas que despacharam o vírus, logo no final do ano passado, sovaram-no em segredo com os seus anticorpos e não contaminaram nenhum dos seus entes queridos. O segundo grupo é o das pessoas que mantêm gráficos no Excel, que atualizam diariamente com os novos dados e aborrecem todos os que os rodeiam com comentários e conjeturas sobre curvas. E, infelizmente, não há autoridades preocupadas em achatar a curva dos chatos da curva.

(Ricardo Araújo Pereira. Opinião publicada na VISÃO 1421 de 28/maio/2020. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/opiniao/cronicas/boca-do-inferno/2020-06-02-ideias-claras-sobre-vagas/>)